



“O RIO COMANDA A VIDA¹”: UM OLHAR PARA O LUGAR AMAZONAS A PARTIR DA FOTOGRAFIA

Paula Nardey Moriz de Vasconcelos

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFGD; paulanardey2017@gmail.com

Resumo: O objetivo do trabalho é evidenciar o lugar Amazonas a partir da linguagem fotográfica e evocar a partir da fotografia, a nossa cultura alimentar e a cozinha afetiva. A pesquisa tem um caráter qualitativo, partindo de um estudo exploratório, onde fizemos uso da fotografia e por meio da mesma, foram identificadas imagens que revelam o lugar Amazonas e suas interfaces com a alimentação, com a cultura e natureza, fortemente intrínsecas aos amazonenses. A análise das fotografias demonstra um olhar que ganha sentido e novos vieses para se trabalhar imagens seja no ambiente escolar ou universitário, levando os alunos a perceberem e a identificarem aspectos cotidianos do lugar Amazonas. Nossas interpretações referentes à pesquisa vão de encontro que a imagem deve estar atrelada ao texto, ao conteúdo ministrado em sala de aula e a interdisciplinaridade, onde a fotografia deve auxiliar tanto o docente quanto os alunos nos conteúdos curriculares e nos aspectos que envolvem e nos identifica com o lugar Amazonas.

Palavras-Chave: Amazonas; lugar; fotografia; docência

Eixo: Pedagógico

1. INTRODUÇÃO

A linguagem utilizada no texto será a fotografia “estritamente vinculada ao sentido comunicacional como ferramenta de transmissão de conteúdo” (PREVE, 2020, p. 6) seja no ambiente acadêmico como recurso didático, seja na representação cotidiana do modo de olhar e experienciar as imagens de um lugar chamado Amazonas. O título sugere que das águas vem o peixe nosso de cada dia, dieta básica do amazonense, mas que também é usada como transporte fluvial, onde canoas, barcos e pessoas se encontram num vai e vem dos muitos caminhos de rios, e que em Tupi esses vários caminhos de rios significam imbassaí. É também nesses rios onde a cheia e a descida das águas são percebidas durante todos os anos e muitas vezes chegando a níveis que inviabilizam a moradia, o comércio, ultrapassando “fronteiras” de rio x cidade² e nos possibilitando enxergar que as mudanças climáticas são parte desse processo além do acúmulo de resíduos sólidos.

São nesses vários caminhos de rios que o olhar para o lugar Amazonas a partir da fotografia se fundamenta no que evidencia Preve (2020, p. 7) que “a linguagem serve para viabilizar pensamentos outros sobre o espaço e suas formas de expressão [...]” e “busca dar sentido para algo novo que escapa

¹ Título do livro de Leandro Tocantins

² No ano de 2021, tivemos uma cheia histórica, o Rio Negro adentrou no Centro Histórico de Manaus, atingindo uma marca de 30,04 metros.





de alguma forma aos regimes de percepção conhecidos” (PREVE, 2020, p. 7). A realidade do lugar Amazonas, a partir da fotografia, pode nos indicar o endereço certo para a cultura e natureza que permeiam a nossa vivência por rios e florestas. Somos filhos das águas, somos povos da floresta, nos alimentamos do recurso natural que vem dos rios e nosso endereço geográfico é pertencer a esse lugar onde rio e floresta são partes indissociáveis. No decorrer do trabalho discorreremos sobre algumas fotografias e sua relação com o título e com teóricos que nos ajudaram a trazer inquietações e constituindo assim, o objetivo do trabalho, evidenciar o lugar Amazonas a partir da linguagem fotográfica e evocar a partir da fotografia, a nossa cultura alimentar e a cozinha afetiva.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A abordagem da pesquisa é qualitativa, realizada na cidade de Manaus, estado do Amazonas. É um estudo exploratório, onde a partir de diálogos e conteúdos ministrados na disciplina História da Alimentação e da Gastronomia, curso tecnológico em Gastronomia, nos apropriamos da fotografia e da geografia dos sabores a partir de uma perspectiva da fotografia como linguagem e narrativa, que fala do nosso lugar e que nos ajuda a entender a indissociabilidade nossa com os rios, florestas, povos e comida. Ainda que a metodologia e a pesquisa tenha sido executada no curso de Gastronomia, as geo-grafias e a fotografia como linguagem nos ajudaram na compreensão do espaço geográfico visualizado a partir da abundância de peixes, sabores e do fenômeno da cheia e descida das águas.

A fotografia sendo utilizada como linguagem na pesquisa, faz jus ao pensamento de Marin Viadel e Roldán (2012 apud EGAS, 2015, p.3436) quando afirmam que “uma pesquisa educacional baseada na fotografia é aquela que utiliza imagens e os processos fotográficos para indagar sobre os problemas relacionados com o ensino e a aprendizagem”.

A metodologia da pesquisa está dividida em três blocos de imagens, o que faz jus ao evidenciado por Tittoni (2009 apud SILVA, 2016, p. 72) em que a discussão sobre a “relação entre fotografia e verdade mostra a inscrição da fotografia no contexto da modernidade como um recurso técnico capaz de evidenciar a realidade e como uma forma de comprovação de sua existência”. O primeiro bloco de imagens retrata o rio e a abundância de peixes provenientes dele. O segundo bloco traz a cheia e a descida das águas e o terceiro a geografia dos sabores. Essa atividade foi realizada com os alunos do 1º período de Gastronomia, nos meses de maio-junho de 2021, sob a supervisão da autora do trabalho, cuja intenção era fotografar alimentos que fazem parte da nossa dieta alimentar, além de escrever sobre consumo e abastecimento da capital, Manaus. Essa atividade foi postada no Instagram³ que as

³ @gastro.academic; @gastronomia.history



turmas criaram e que também tinha o objetivo de evocar a partir da fotografia, a nossa cultura alimentar e a cozinha afetiva.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O rio é abundância e dele provém nossos peixes, abastece a cidade, gera renda, movimenta a economia, comanda a vida, constituindo o primeiro bloco de análise do trabalho (Figura 1).



Figura 1: Peixes amazônicos

Hollman (2020, p. 48) evidencia que a “fotografia está inserida em nosso cotidiano e atravessa as formas de apreender o mundo: fixa, comunica e molda nossas experiências,” o que de fato pode nos possibilitar olhares e encontros com as imagens, como por exemplo, a de um riozão, majestoso, nosso Negro, ora de águas tranquilas, ora de águas agitadas (Figura 2). Só viajando por esse rio mesmo! Cinquenta tons de tantos verdes, que tornam água e céu, aqui e lá uma sobreposição sem conflitos (Figura 3). Ah! Essas águas do Negro! Elas adentram cidades, casas, elas configuram paisagens, refletem e nos fazem refletir. Elas são parte do rio e o “rio comanda a vida” (Figura 4).



Figura 2: Rio Negro



Figura 3: Sobreposição de água, floresta e céu





Figura 4: “o rio comanda a vida”

Analisando as imagens, o rio parece ser comum, por ser parte do cotidiano dos amazonenses, no entanto, pode ser “a constituição de memórias acerca dos lugares realizadas pelas fotografias” (OLIVEIRA JR, 2019, p. 2) e ainda um partilhar o comum de maneira diferenciada (OLIVERA JR, 2019). Trazer à tona um exercício de memória acerca do lugar Amazonas, poderia ser uma das alternativas para práticas interdisciplinares na escola e na universidade, onde o pretérito, presente e futuro poderiam ajudar os alunos no entendimento sobre conteúdos atuais como mudança climática, acúmulo de resíduos sólidos e um repensar sobre nossas práticas de respeito e cuidado com a natureza, para o sentido de lugar, pertencimento, identidade e desta forma:

[...] levar o aluno a perceber as transformações ocorridas no espaço ao seu redor, por meio de leituras visuais, textuais e observações que permitam identificar, descrever ou comparar os elementos e os arranjos que a compõem construindo assim significados (RAMOS, 2016, p.3 apud OLIVEIRA JR, 2019, p. 2).

Por meio da fotografia como recurso didático, diante de uma exposição fotográfica ou mesmo fazendo uso das redes sociais, por exemplo, estaremos utilizando um recurso, uma linguagem que de certa forma pode ser alterada e que Oliveira Jr (2019, p. 3) descreve como “uma das formas de se alterar a forma visual de si e do mundo através de filtros e aplicativos disponíveis gratuitamente”. Sabe-se que o lugar Amazonas em várias fotografias pode estar com filtros e que de certa forma pode inviabilizar a realidade, mas o que queremos enfatizar e provocar inquietação para uma nova possibilidade de olhar é para o sentido de pertencimento, conexões, partilha do conhecimento e o dar sentido a uma imagem que fala de nós e do lugar que vivemos. O saber-olhar, o saber se encontrar nas fotografias, o saber analisar trazem aspectos relevantes, o do devir amazonense⁴, que vive aqui e não habita, trocadilho do artigo de Preve (2020) “habito, mas não vivo aqui”.

No segundo bloco de fotografias, abordaremos a cheia e a descida das águas. Na época da cheia, água, floresta e céu se mesclam; há também um adentrar das águas na cidade, nas casas, onde aspectos de mudanças climáticas são visíveis, ainda que muitos amazonenses não entendam cientificamente essa ocorrência (Figura 5 e 6). Na época da descida das águas (verão amazônico), praias e formações rochosas são visíveis no Rio Negro (Figura 7).

⁴ Baseado na obra de Achille Mbembe, *Crítica da Razão Negra*, onde um dos capítulos é sobre o devir-negro do mundo.





Figura 5: Cheia histórica no Amazonas



Figura 6: Centro Histórico de Manaus inundado

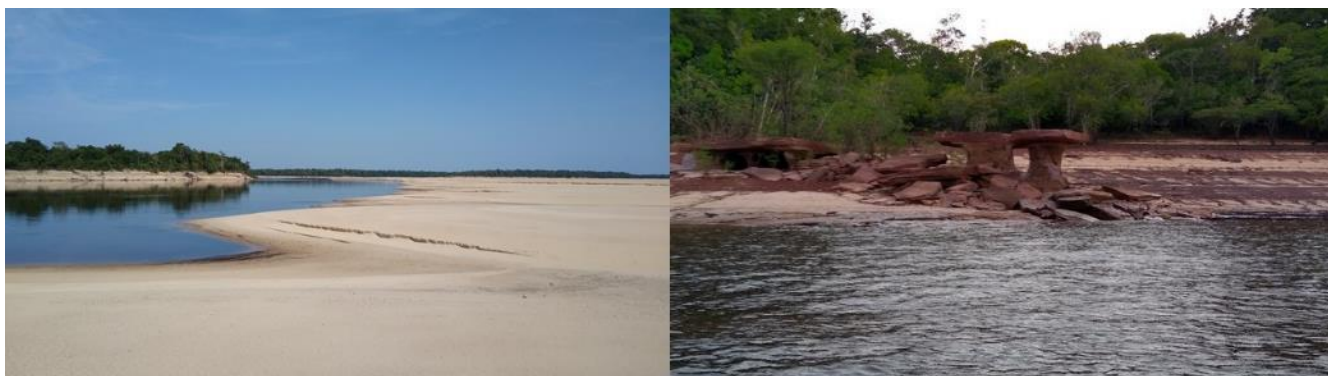


Figura 7: Época do verão no Amazonas

Olhar a natureza e cultura, fazer parte, é valor agregado, é experienciar, é ir bem ali e voltar cheio de memória, ou seja, “marcas presentes em nós que preservaram certas imagens e ações do esquecimento” (OLIVEIRA JR, 2019, p. 4), além de destacar a partilha do sensível, onde Ranciére (2005 apud OLIVEIRA JR, 2019, p. 4) afirma que é “[...] a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas [...].”

Amazonenses foram revisitar o centro histórico de Manaus, por conta da cheia histórica, um misto de curiosidade e também de deixar registrado o momento. Eis que a fotografia entra em cena. Pais fazendo fotos e mostrando aos filhos um centro inundado pelo Negro. Filhos daqui uns anos, fazendo memória a partir das fotografias do momento que será pretérito. Universidades discutindo aquecimento global frente a cheia histórica e devido a semana do meio ambiente e assim referenciamos um dos poderes das imagens afirmada por Oliveira Jr (2020, p. 11) “que elas nos educam a olhá-las”. Olhar a partir dela o lugar Amazonas com suas interfaces e que sabemos que esse lugar é percebido por muitos olhares, muitos imaginários, convergências e divergências. Que a imagem reflita a realidade, nos questione e nos fale do lugar.

A geografia dos sabores, último bloco de imagens retrata o olhar dos pesquisadores em fotografar alimentos que fazem parte da nossa dieta alimentar, além de descrever sobre consumo e abastecimento da capital, Manaus. Nas postagens no instagram, os alunos além de postarem a fotografia da geografia dos sabores também escreveram algo sobre as mesmas (Figura 8):

Diretamente de Manacapuru. Acordam as 2 da manhã, porque os pescadores chegam de madrugada para vender os peixes, tem peixeiros que vem diretamente aqui no flutuante e vem cedo para comprar o melhor peixe e o mais novinho (Brigada Bistrô do Sabor). Quem como jaraqui não sai mais daqui (Brigada Tuxaua). Prato amazonense. Bom apetite (Brigada Bistrô do Sabor). Do porto ao consumidor (Brigada Tuxaua).



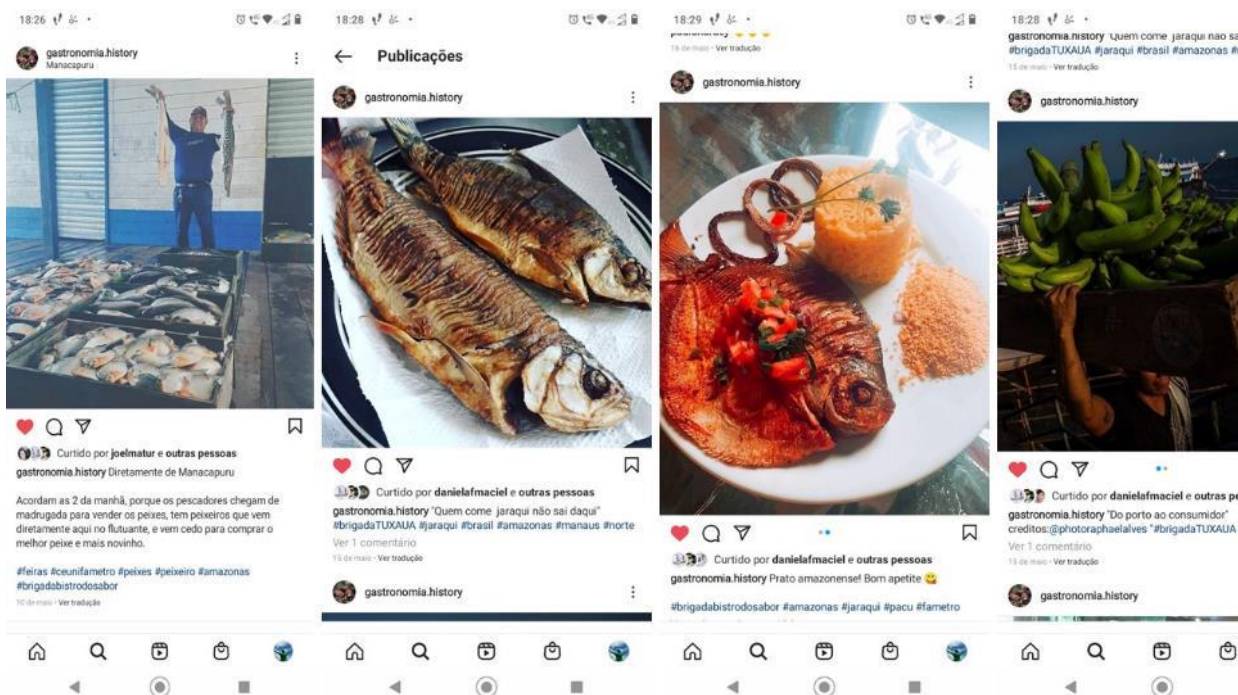


Figura 8: Alimentação da população amazense

Nas postagens também retrataram sobre o abastecimento da cidade de Manaus, os sabores da infância, que configuram comida afetiva e os produtos regionais como a goma de mandioca, bastante consumida pela população (Figura 9):

O abastecimento das cidades do interior do Amazonas é feito por embarcações que transitam pelos nossos rios, num verdadeiro vai-e-vem de produtos e pessoas. Uma troca que vai muito além da subsistência. Passeia por memórias e conhecimentos, um leva e trás de cultura. O queijo de Autazes, o açaí de Tefé, a juta de Parintins, a borracha de Humaitá, o tecnológico da zona franca de Manaus... o ontem e o hoje. Essa nossa realidade é esquecida do resto do Brasil, uma realidade genuína do Amazonas, com nossas feiras e regatões, nossos produtos típicos, nossos caboclos, nossos índios, nosso povo (aluna Audrey Assayag). Sabores de infância: mingau de vó. De todas as memórias de infância, os mingaus (de banana, de maizena com leite condensado, de aveia, dentre outros) devem estar presentes na lembrança da maioria das pessoas. Nossas mães e avós caprichavam nessas iguarias que tinham fama de alimentar e sustentar as “crias” (Brigada Gourmet). Produtos regionais: goma e tapioca. Ela é versátil, prática e muito nordestina. A goma de mandioca é um produto regional que combina com uma infinidade de ingredientes e preparos. Com ela podemos fazer a tapioca, amada por povos de todas as gerações. Preparada com ovo, tucumã, queijo, banana ou outros diversos recheios que fazem parte do dia a dia da nossa população (Brigada 5).



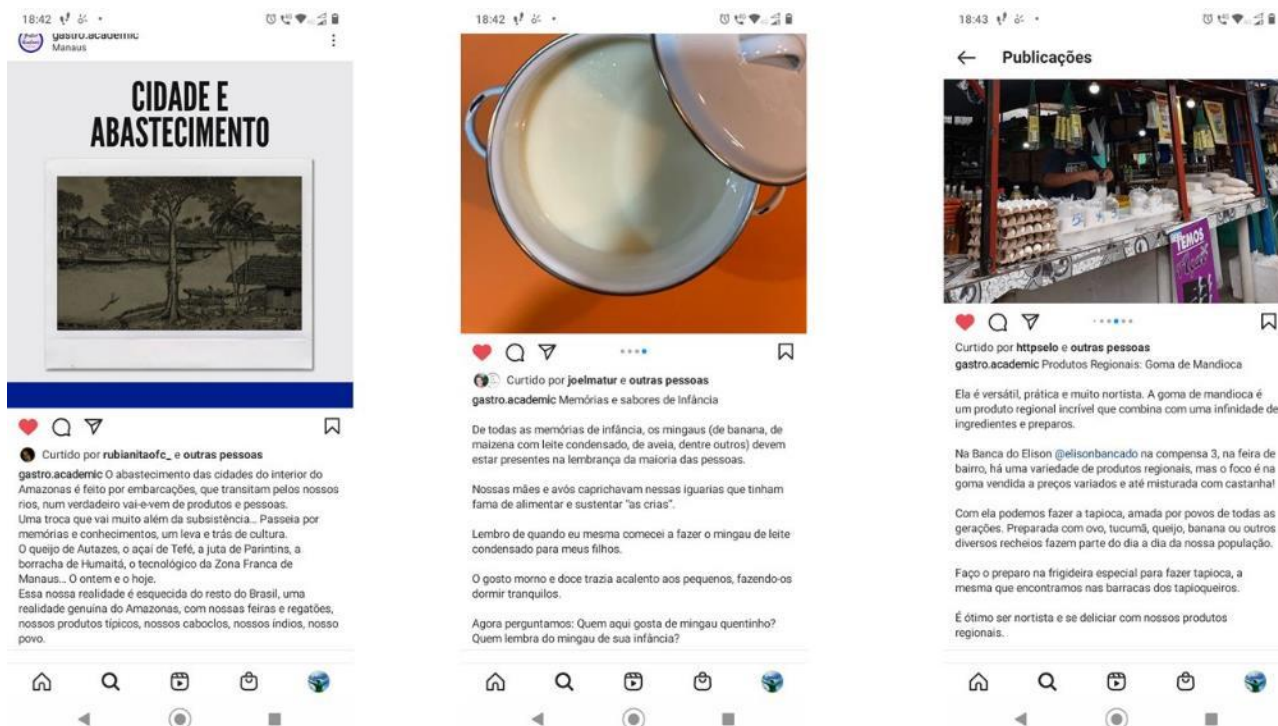


Figura 9: Produtos consumidos pelos amazonenses.

A ideia de expressar a partir da fotografia nossa alimentação e tudo que a envolve, levando em consideração a percepção do lugar Amazonas, faz jus ao evidenciado por Fernandez (2019, p. 10) que a linguagem fotográfica “participa da constituição dos sujeitos (e da cultura) e de como constrói a realidade (e outras realidades)”.

O mesmo autor menciona Oliveira Jr e Girardi (2011) para entendermos que a linguagem fotográfica é criativa (função comunicativa, didática, metodológica) e criadora (linguagem plural, de criação e de produção) e ainda que os pensadores façam menção ao ensino de Geografia, na atividade proposta para os alunos de Gastronomia, entendeu-se que o uso da linguagem fotográfica pode ser utilizada em outros cursos de graduação e também em outras disciplinas e que a abordagem de Oliveira Jr e Girardi foram inspirações para que pudéssemos desenvolver o saber-fazer, saber-olhar e o saber-comunicar.

Conforme evidencia Fernandez (2019, p. 11) “as imagens na Geografia são formas materiais de se falar e escrever sobre os espaços e as experiências espaciais, viabilizando a expressão de culturas e geografias, agentes produtores de discursos e falas sobre os lugares”. Por sua vez a geografia dos sabores nos comunica cultura, natureza, discursos de uma alimentação social, cultural, econômica e política, que disposta em forma de fotografia se torna “palpável aos olhos porque é a eles que elas se





destinam prioritariamente, são nossos olhos que elas desejam...” (OLIVEIRA JR, 2009, p.19 apud FERNANDEZ, 2019, p. 1).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das nossas inquietações e dos conhecimentos adquiridos com as leituras de autores que embasam o trabalho, consideramos que a fotografia seja uma prova de realidade e não apenas uma imagem com filtro, que nos faz questionar, pôr em evidência aspectos do lugar, da prática pedagógica, do ensino em sala de aula. Necessário que nos gere reflexão, que nos fale e evoque o lugar. A linguagem fotográfica é um fazer-pensar. “É inesgotável: há tantas coisas, tantas palavras, tantas imagens através do mundo” (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 20) e assim o lugar Amazonas é inesgotável e digno de olhares fotográficos que nos revelam possibilidades de conexões com o lugar que vivemos e um maior entendimento que de fato, “o rio comanda a vida”.

Nossas interpretações referentes à pesquisa vão de encontro que a imagem deve estar atrelada ao texto, ao conteúdo ministrado em sala de aula e a interdisciplinaridade, onde a fotografia deve auxiliar tanto o docente quanto os alunos nos conteúdos curriculares e nos aspectos que envolvem e nos identifica com o lugar Amazonas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Disparidades**: “Ler o que nunca foi escrito”. In: DIDI HUBERMAN, Georges. Atlas, ou, o gaio saber inquieto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. p. 15 – 87.

EGAS, Olga Maria Botelho. **Metodologia artística de pesquisa baseada em fotografia**: a potência das imagens fotográficas na pesquisa em educação. 24^o encontro ds ANPAP Compartilhamento na arte: Redes e Conexões. Santa Maria, RS, 2015. Disponível em http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s8/olga_egas.pdf. Acesso em 08 de outubro de 2021.

FERNANDEZ, Pablo Sebastian Moreira. **Habitar uma paisagem “velha”**: a fotografia como linguagem da pesquisa e do ensino da geografia. Signos Geográficos, Goiânia-GO, V.1, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/signos/article/view/61300>. Acesso em 07 de agosto de 2021.

HOLLMAN, Verónica. **Entre imposibilidades y deseos**: la fotografía, un dispositivo para aprehender e imaginar lo espacial. Punto Sur, v. 2, p. 48-63, 2020. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/RPS/article/view/8088/7099>. Acesso em 07 de agosto de 2021.

OLIVEIRA JR, Wenceslao M. de. **Fotografias, geografias e escola**. Signos Geográficos, v.1, p. 1-15, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/signos/article/view/60573>. Acesso em 11 de





setembro de 2021.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. **Tropas de imagens partilham o (não) saber geográfico: territórios contestados de poder.** *Punto Sur*, v. 2, p. 5-19, en./jun, 2020. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/RPS/issue/view/640>. Acesso em 09 de outubro de 2021.

PREVE, Ana M. **‘Habito, mas não vivo aqui’:** multiplicidade, linguagens e saber geográfico. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*. 2020, v. 10, no. 19. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/908>. Acesso em 09 de outubro de 2021.

SILVA, Paula Marques da. **O uso da fotografia como estratégia metodológica em pesquisas com crianças:** uma revisão de literatura. *Revista Informática na Educação: teoria & prática*. Porto Alegre, v.19, n.3, set./dez. 2016. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/>. Acesso em 09 de outubro de 2021.

